

O FEMINICÍDIO NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DAS VOZES VERBAIS EM NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS

Anna Cléa de Souza Maduro¹, Cíntia da Silva Pacheco²

1. Estudante de Letras-Português da Faculdade Unyleya e aluna do projeto Análise variacionista de gêneros orais e escritos - Edital PIBIC 2020 (ProlC/UnB).
2. Profa. Dra. Adjunta no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da UnB/Orientadora.

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise sobre o uso das vozes verbais (voz passiva e voz ativa) em textos noticiosos. O arcabouço teórico da pesquisa é o da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e o da Teoria da Mudança Linguística (2006 [1968]). O *corpus* é composto de 30 notícias, retiradas de três portais jornalísticos, as quais narram histórias de feminicídio e de homicídios cometidos por mulheres contra homens. Foram analisadas 4 variáveis independentes: *sexo da vítima*, *verbo*, *veículo* e *localização do fenômeno na estrutura da notícia*. Com isso, foi possível confirmar a hipótese inicial da pesquisa: apesar de os manuais de jornalismo recomendarem o uso da voz ativa nos textos noticiosos, a passiva é privilegiada nas narrativas de feminicídio. Os fatores que mais privilegiam a voz passiva são: os verbos *matar* e *assassinar*; os veículos Metrôpoles e UOL; bem como as estruturas textuais do gênero jornalístico, tais como fotolegenda, fechamento da notícia e subtítulo.

Palavras-chave: Voz passiva; Voz ativa; Sociolinguística Variacionista.

Trabalho selecionado para a JNIC: UnB.

Introdução

Femicídio é uma denominação utilizada para caracterizar os crimes de violência contra as mulheres por razões do sexo feminino. São “razões de condição do sexo feminino”, conforme prevê o artigo 121, os crimes que envolvem “violência doméstica e familiar”; “menosprezo ou discriminação à condição da mulher” (BRASIL, 2015). Apesar de o termo ter se popularizado após a promulgação da Lei 13.104/2015 (Lei do Femicídio), a palavra apenas foi incorporada ao Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras (Volp) em julho de 2021. Quando iniciamos essa pesquisa, portanto, o verbete não era sequer reconhecido como vocábulo da Língua Portuguesa nos diversos editores de texto, inclusive no Microsoft Word.

Além dessa peculiaridade no âmbito lexical, percebemos algumas características no que se refere à abordagem linguística do feminicídio em textos noticiosos e em reportagens publicadas na imprensa, sobretudo, quanto ao uso da voz passiva em títulos, subtítulos, legendas e em outras estruturas do gênero notícia. Esse fenômeno chamou a nossa atenção, uma vez que o uso da estrutura passiva, no meio jornalístico, não é recomendado nos manuais de redação.

Como hipótese acreditava-se que a voz verbal passiva predominaria nas matérias jornalísticas acerca de crimes de feminicídio. Quando o texto noticioso narra um homicídio contra um indivíduo do sexo masculino, todavia, os textos privilegiariam a sentença ativa. Nossos objetivos, portanto, com esse estudo, eram: i) analisar a voz ativa e a voz passiva em matérias sobre feminicídio cujas sentenças apresentem “verbos de agressão”¹: *matar*, *morrer*, *enforcar*, *assassinar* etc.; ii) analisar as variáveis linguísticas e sociais que estão condicionando a escolha das vozes verbais.

A escolha dessa temática se justifica pela minha relação com os textos noticiosos, uma vez que sou jornalista há 8 anos. Enquanto mulher e profissional da área, observo que o gênero jornalístico privilegia a figura feminina nas matérias que envolvem homicídios, sejam as mulheres vítimas ou agentes do crime.

Além disso, outra motivação para essa pesquisa era a escassez de trabalhos que analisassem o fenômeno linguístico da voz passiva dentro da Sociolinguística Variacionista. Lopes enfatizou a falta de trabalhos sobre a voz passiva dentro de uma perspectiva quantitativa, principalmente em português, e afirmou que existia “um grande vazio” nesse campo (LOPES, 1989, p.39). A Sociolinguística considera a variação linguística como principal objeto de estudo. Assim, os processos de mudança linguística que ocorrem nas comunidades de fala e nas comunidades de prática são fundamentais nessa área, a qual também é conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, (2006 [1968]).

Labov & Weiner (1983 [1977]) identificaram condicionamentos do uso variável da passiva sem agente e da ativa com sujeito pronominal genérico no inglês (*The closet was broken into/Somebody broke into the closet*). Os autores foram os precursores na análise de uma variável sintática dentro da perspectiva variacionista. Até então os estudos se concentravam no campo da fonologia e, por isso motivo, Labov recebeu vários questionamentos metodológicos², pois acreditava-se que era impossível pensar em uma real equivalência semântica entre duas variantes sintáticas.

¹ Aqui chamaremos de “verbos de agressão” os verbos do mesmo campo semântico que foram monitorados e analisados no corpus.

² É nesse contexto que surge a polêmica entre Lavandera (1978) e Labov (1978). A autora apontava para algumas dificuldades metodológicas no tratamento de variáveis não fonológicas e criticava a não existência de uma teoria sólida e organizada dos significados.

Metodologia

O *corpus* desta pesquisa exploratória e quantitativa é composto por 30 textos jornalísticos publicados no período de 2017 a setembro de 2021 e retirados de três portais brasileiros: G1, Metrôpoles e UOL. A escolha dos veículos foi motivada pela credibilidade das notícias apresentadas nos sites e pela similaridade na linha editorial. Apesar de o nosso foco ser o feminicídio na mídia, a ideia de selecionar 15 matérias de crimes contra mulheres e 15 matérias de crimes contra homens foi uma tentativa de criar um contraponto e verificar se o sexo da vítima e do agente do crime influenciam no uso das vozes verbais.

As notícias foram selecionadas via Google Notícias, uma ferramenta que permite a busca e a seleção de conteúdos por meio de palavras-chave, assuntos, locais e fontes. Na busca utilizamos os termos “feminicídio”, “homicídio contra homem”, “esposa”, “marido”, bem como alguns verbos de agressão citados anteriormente neste artigo: *matar*, *morrer*, *assassinar*, *enforcar* etc. Tentamos, na medida do possível, selecionar os textos aleatoriamente sem buscar os fenômenos na estrutura da notícia a fim de não enviesar os dados.

Após a seleção, codificamos os 94 dados em função das 2 variantes estabelecidas – voz passiva e voz ativa – e analisamos 4 variáveis independentes: *sexo das vítimas*, *verbo*, *veículo* e *localização do fenômeno na estrutura da notícia*.

A ferramenta utilizada para a interpretação dos resultados linguísticos foi o programa estatístico GoldVarb-X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), uma das ferramentas da Sociolinguística Variacionista.

Resultados e Discussão

As duas variantes – voz ativa e voz passiva – podem ser encontradas em exemplos na voz ativa (Noélia tinha relacionamento com vizinho que A MATOU, diz delegada) e na voz passiva (Juíza MORTA por ex abriu mão de escolta: Achou que perigo havia passado). Em ambas as sentenças, é possível verificar o mesmo comportamento semântico nos verbos, bem como uma equivalência em relação ao valor de verdade, embora haja uma divergência em relação ao significado “social e estilístico” (LABOV, 2008 [1972]). Nos exemplos acima, retirados do *corpus*, observamos alguns padrões linguísticos que merecem destaque.

1) No excerto “Noélia tinha relacionamento com vizinho que A MATOU”, diz delegada, é possível verificar a existência de uma motivação que age discursivamente para explicar/justificar/minimizar a ação agressora. O jornalista enfatiza que a vítima tinha um relacionamento extraconjugal com outro homem e, “por esse motivo”, foi morta.

2) Na sentença “Juíza MORTA por ex abriu mão de escolta”, a escolha discursiva culpabiliza a mulher pela agressão por ela ter renunciado à escolta policial – o que também atenua a ação do homem que cometeu o crime. Nesse caso a responsabilidade dos homens por sua violência contra as mulheres é minimizada pelo uso da voz passiva (VAN DIJK, 2012 [1992]).

Em relação à primeira variável, *sexo das vítimas*, considerada a principal – uma vez que a nossa hipótese está diretamente associada ao sexo da vítima, acreditava-se que a voz verbal passiva predominaria nas matérias jornalísticas acerca de crimes cometidos contra as mulheres e que as narrativas em que os homens são vítimas de homicídio privilegiariam a agentividade. Os dados confirmaram a hipótese inicial, pois observa-se que o uso da passiva em matérias de feminicídio aparece em 79,6% dos dados, ou seja, 20% a mais do que a média (59,6%). Nos textos noticiosos em que o homem é a vítima, essa voz verbal apareceu em apenas 37,8% dos dados, abaixo da média (59,6%).

Tabela 1 - Vozes verbais em função do sexo das vítimas

	Voz passiva	Voz ativa
Mulher	79,6% 39/49	20,4% 10/49
Homem	37,8% 17/45	62,2% 28/45
Total	59,6% 56/94	40,4% 38/94

No que se refere à segunda variável, o objetivo era controlar os *verbos* pertencentes ao mesmo campo semântico de violência/crime e verificar quais deles privilegiavam a passiva. O verbo mais recorrente é *matar*, o qual admite dois participios: o *matado* (regular) e o *morto* (regular). O primeiro deles ocorre na voz ativa e o segundo pode ocorrer em ambas as vozes verbais.

Outro verbo frequente no *corpus* é o *morrer*, lexicalmente associado ao verbo *matar*, embora não admita voz passiva. Exemplo: “Tatiana MORREU em 30 de setembro de 2019”. Nesse caso, mesmo que o verbo já traga a “semântica de estatividade e resultado (acabado)”, quando usado na voz ativa, pressupõe um agente causativo da morte, ainda que seja suprimido: “morto por quem?” (BERTOQUE; GALVÃO, 2010, p.81).

É por isso que optamos por manter o verbo *morrer* no *corpus*, embora não haja um par correspondente como vemos nos exemplos: “Homem ASSASSINA esposa e se mata com tiro na cabeça em Delmiro Gouveia, AL” e “Uma mulher FOI ASSASSINADA na QR 217 de Santa Maria, na tarde desta quinta-feira”.

Além do *matar* e do *morrer*, outros verbos apareceram no *corpus*: *assassinar*, *atacar*, *enforçar*, *esfaquear* e *queimar*. Apesar da ocorrência desses 7 verbos diferentes nos 30 textos noticiosos analisados, optamos por comparar os dois mais frequentes e que apresentaram alternância entre a voz passiva e a voz ativa. Para isso, amalgamamos os 23 dados referentes a “outros verbos”.

A partir dessas escolhas metodológicas, percebemos que *matar* e *assassinar* na voz passiva são os que mais apareceram nas notícias jornalísticas e ambos estão acima da média (59,6%).

Tabela 2 - Vozes verbais em função dos verbos

	Voz passiva	Voz ativa
Matar	67,3% 37/55	32,7% 18/55
Assassinar	87,5% 14/16	12,5% 2/16
Outros verbos	21,74% 5/23	78,26% 18/23
Total	59,6% 56/94	40,4% 38/94

A escolha da terceira variável foi uma tentativa de monitorar os *veículos jornalísticos* que favoreceriam a passiva. Após a análise dos dados, confirmamos a nossa hipótese, embora o G1 (52,7%) esteja um pouco abaixo da média (59,6%) no que se refere ao uso dessa estrutura nos textos noticiosos. Conforme descrito anteriormente, essa escolha contraria as orientações dos manuais de redação jornalísticos, os quais instruem ao jornalista “colocar o verbo, sempre que possível, na voz ativa” (ERBOLATO, 2004, p.141).

Tabela 3 - Vozes verbais em função dos veículos

	Voz passiva	Voz ativa
G1	52,7% 29/55	47,3% 26/55
Metrópoles	68,0% 17/25	32% 8/25
UOL	71,4% 10/14	28,6% 4/14
Total	59,6% 56/94	40,4% 38/94

A quarta e última variável diz respeito à *localização do fenômeno no texto noticioso*. Esta variável é uma tentativa de entendimento das vozes verbais na estrutura do gênero notícia. Como hipótese acreditávamos que os títulos privilegiassem a voz passiva em detrimento das outras estruturas do texto, a saber: título, subtítulo, fotolegenda, lide, corpo da notícia e fechamento da notícia. Nesse caso houve uma refutação da hipótese, pois o título não privilegia a voz passiva (50%), já que está abaixo da média (59,6%). As estruturas textuais que favoreceram a passiva foram a fotolegenda (82,4%), o fechamento da notícia (66,7%) e o subtítulo (60%).

O percentual da fotolegenda ficou acima da média e esse resultado nos surpreendeu. No *corpus* da pesquisa, observamos que as fotografias sempre retratam a mulher, seja ela agente do crime ou vítima do feminicídio, de uma forma sexualizada. A figura feminina é divulgada a partir de fotos ou *selfies* individuais em que a mulher está bem-vestida, com maquiagem e sorrindo. O homem dificilmente aparece nas matérias jornalísticas independentemente do enquadre em que ele foi posicionado no texto.

Tabela 4 - Vozes verbais em função da localização do fenômeno na estrutura da notícia

	Voz passiva	Voz ativa
Título	50% 15/30	50% 15/30
Lide	58,3% 14/24	41,7% 10/24
Fotolegenda	82,4% 14/17	17,6% 3/17
Subtítulo	60% 3/5	40% 2/5

Corpo da notícia	53,3% 8/15	46,7% 7/15
Fechamento da notícia	66,7% 2/3	33,3% 1/3
Total	59,6% 56/94	40,4% 38/94

Conclusões

Verificamos que as matérias de feminicídio privilegiam a passiva (79,6% dos dados - 39/49), conforme hipótese inicial, e acreditamos que, mesmo que sejam incorporados outros gêneros jornalísticos e/ou outros veículos no *corpus*, essa é uma tendência que será mantida. Além disso, a partir da análise das variáveis selecionadas, concluímos que os fatores que mais privilegiam a voz passiva são o verbo *matar* e *assassinar*; os veículos Metrôpoles e UOL; bem como as estruturas textuais do gênero jornalístico tais como fotolegenda, fechamento da notícia e subtítulo. A partir de uma observação dos dados, acrescentamos que:

1) O fenômeno da violência em si é ignorado, marginalizado, estereotipado, minimizado (VAN DIJK, 2012 [1992]);

2) A mulher aparece como foco das notícias, seja ela agente do crime ou vítima;

3) As matérias jornalísticas em geral não trazem a temática do feminicídio como uma ferramenta de conscientização social e coletiva sobre a erradicação da violência de homens contra mulheres. O objetivo das notícias é exclusivamente a “venda da pauta” para o leitor, embora as instituições jornalísticas tenham impacto significativo na formação da cultura e da consciência social do cidadão;

4) A mulher é topicalizada com mais frequência nas fotolegendas e, muitas vezes, o feminicídio é acompanhado de evidências linguísticas colocadas como “justificativas” para o crime, como, por exemplo, na manchete: “Para polícia, Noélia FOI MORTA após tentar romper com suspeito”;

5) O agressor, ora identificado, ora não, tende a ser apagado do título ou colocado como agente da passiva na maioria das matérias analisadas. Com isso, a ação agressora é minimizada dada a posição periférica que ocupa na estrutura da sentença.

Sabemos das discussões e dos desafios teórico-metodológicos que envolvem o estudo de uma variável sintática dentro da perspectiva sociolinguística. Posto isso, daremos continuidade a essa pesquisa por entendermos sua importância para a área e por acreditarmos que, futuramente, ela possa contribuir de alguma forma para a construção de uma cultura equitativa de gênero, modificando o enquadre da mulher no contexto da violência na sociedade brasileira a começar pelas escolhas linguísticas.

Referências bibliográficas

BERTOQUE, L. A. D. P.; GALVÃO, V. C. C. Construções de voz em títulos de notícias e em manchetes: contribuição para o ensino. *Polifonia* (UFMT), v.17, n.21, p.53-84, jul./dez., 2010.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 13.104**, de 9 de março de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20152018/2015/lei/13104.htm>. Acesso em: 27 mar. 2022.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, n. 7, p. 171-183. 1978.

LOPES, R. E. V. Passivas nos discursos oral e escrito. No princípio era o verbo. E o verbo se fez adjetivo? Ou o que estamos fazendo no oral!. In: Fernando Tarallo. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1989, v., p. 35-50.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, E. **Goldvarb X** – A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 5 mar. 2022.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012 [1992].

WEINER, J.; LABOV, W. **Constraints on the agentless passive**. In: *Journal of Linguistics* 19, 1983 [1977], p. 29-58.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].